

História Oral: Metodologia do Diálogo**Priscila DAVID***

Resumo: A história oral, como metodologia qualitativa de pesquisa, traz outras dimensões ao debate historiográfico. Por meio dela o historiador consegue visualizar diversos pontos de vista de um determinado fato histórico. Neste aspecto, cabe ressaltar que sua utilização depende da compreensão de que o diálogo entre pesquisador e entrevistado apresenta especificidades. Utilizar-se da história oral requer a compreensão de que a pesquisa somente é possível mediante a vontade do pesquisador, o qual delimita seu tema e seus personagens, expondo muito de si em seu trabalho. Além disso, deve-se notar que nenhum personagem irá narrar sua história sem calcular o que esta narrativa poderá trazer de consequências para si, sejam elas negativas sejam positivas. Assim, buscar o depoimento implica em saber que se está adentrando em questões de natureza privada, as quais são ainda mais delicadas quando os personagens em questão estão vivos e dispostos a avaliar o que seu depoimento pode causar em sociedade.

Palavras-chave: História oral. Metodologia. Representações. Memória.

Oral History: Methodology for Dialogue

Abstract: The oral history, as qualitative research methodology, brings other dimensions to the historiographical debate. Through it the historian can visualize several points of view of a particular historical fact. In this regard, it is noteworthy that its use depends on the understanding that the dialogue between researcher and respondent presents specifics. Using up oral history requires understanding that research is only possible through researcher's will, which defines its subject and its characters, exposing much of themselves in their work. Moreover, we should note that no character will narrate his story without calculating what consequences this narrative could bring for him, whether negative or positive. So seek the testimony is knowing that we are entering matters of a private nature, which are even more delicate when the characters in question are alive and willing to evaluate what his testimony might cause on society.

Keywords: Oral history. Methodology. Representation. Memory.

* Mestre em História – Doutoranda - Programa de Pós-Graduação em História – Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis – Avenida Dom Antônio, 2.100, CEP: 19.806-900, Assis, São Paulo – Brasil. Bolsista Fapesp. E-mail: pridavid23@hotmail.com.

Falar sobre História oral nos remete, inicialmente, a questionar o que este termo propõe: é possível fazer história com o depoimento oral? Isto porque, falar em história nos leva a associar aquilo que é escrito aos inúmeros documentos formais que o historiador, com suas técnicas, é capaz de absorver e fazer história. Ocorre que, em seu ofício de artesão (BLOCH, 2001), o fazer história conta também com a metodologia da História oral, que apresenta novas dimensões ao debate historiográfico, trazendo à tona uma metodologia qualitativa de pesquisa voltada para o estudo do tempo presente e baseada na voz de testemunhas (LANG, 2001).

Vários foram os debates sobre a delimitação do alcance e aplicabilidade da história oral, os quais formaram pelo menos três correntes que buscam dar *status* à história oral, seja como técnica, como disciplina seja como metodologia (FERREIRA; AMADO, 2006, p. xii).

Para Philippe Joutard (1996, p. 43-62), a História oral possui quatro gerações. A primeira, advinda dos anos de 1950, buscava coligir material para a utilização futura dos historiadores. A segunda geração, datada do final dos anos de 1960, passa a entender a História oral como outra História, capaz de dar vozes aos excluídos, que passaram a narrar fatos de sua vida com o objetivo de demonstrar aquilo que os documentos escritos não descreviam, ou ainda, aquilo que a história tradicional não se preocupou em destacar.

Nesta esteira, a História oral é vista como disciplina, com suas próprias regras e cientificidade. Já nos anos de 1970, uma terceira geração passa a compreender a História oral como um meio de estudar as classes populares, uma metodologia de pesquisa histórica. Por fim, a quarta geração teve seu advento nos anos de 1990, influenciada por movimentos pós-modernistas e com foco na valorização da subjetividade como consequência e, até mesmo, finalidade da História oral.

Verena Alberti (2005, p. 155-202) destaca que se costuma considerar como marco para a História oral moderna a invenção do gravador, em 1948, bem como a formação do programa de História oral da Universidade de Columbia, em Nova York. A autora ainda destaca que a História oral, nos anos de 1960, se preocupou com as minorias e ficou conhecida por fazer história de vida “vinda de baixo”, tornando a História oral conhecida como História do Comunitário em oposição a História da Nação.

Neste aspecto, Alberti enfatiza alguns equívocos sobre a História oral que devem ser descartados de imediato, como a consideração de que a História oral é a própria História; de que a história vista “de baixo” é a democrática, em oposição à história das elites; e que a História oral busca dar voz às minorias, o que apenas reforçaria as diferenças sociais. Para a autora, a História oral deve ser compreendida como visões de mundo e experiências de vida.

Certos de que a história oral traz os benefícios de elencar sentimentos, ações e informações preciosas para o campo historiográfico, hoje somos capazes de reconhecer sua importância como método adequado para visualizar diversos pontos de vista de um determinado fato histórico, ou seja, a representação dos fatos baseada no conjunto de valores históricos do entrevistado, do pesquisador e de quem os lê.

Ao trabalhar com o depoimento oral, o historiador deve considerar que está adentrando no campo íntimo e movediço da memória. Neste caso, o que ele irá obter é uma interpretação do passado intrinsecamente relacionada às questões sociais, mas lembrada pelo aspecto pessoal, já que é o indivíduo que tem a capacidade de rememorar. Neste aspecto, descreve Portelli:

A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem verdade, como as vozes – exatamente iguais (1997, p.16).

No campo da memória, o indivíduo relembra seu passado seguindo a perspectiva colocada em pauta pelo pesquisador. Ele é influenciado, ainda, pelos objetivos da pesquisa, pelo tempo da narrativa que é diverso do tempo histórico, e pelas questões sociais e individuais que circundam o trabalho da memória. A memória recupera o passado com elementos do presente e nela o sujeito constrói uma imagem de si, de como quer ser lembrado, baseado em continuidade e coerência. O entrevistado seleciona os acontecimentos, criando uma coerência inexistente, mas que busca dar sentido à sua vida, sendo por isto denominado por Bourdieu (2006, p.183-191) como criação artificial de sentido. Assim, apesar do real ser descontínuo, o entrevistado, como ideólogo de sua própria vida, esforça-se para dar significado, com causas e finalidades.

Sobre o assunto descreve Pollak:

Podemos, portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (1992, p. 204).

Questões inerentes à memória como o esquecimento e as distorções denotam as representações dos indivíduos sobre os eventos e momentos históricos e demonstram que agimos em função dessas representações. Até mesmo os mitos podem se revelar ao

historiador como fonte de produção daquilo que em sociedade é aceito ou, até mesmo, imposto.

Neste caso, a problemática da verdade não deve subjugar o trabalho com a História oral. Sem questionar a busca contínua pelo como se deu determinado fato ou evento histórico, mas reconhecendo a multiplicidade de narrativas, devemos compreender que o depoimento oral é desencadeado pela construção de uma narrativa ucrônica (PORTELLI, 1993, p. 41-58),¹ inserida no campo da memória e que determina aquilo que o personagem gostaria que tivesse ocorrido, ou a sua representação do real.

Assim, não se trata de questionar a verdade ou não do depoimento, mas sim de entender que este é construído socialmente pelo entrevistado que, dando sentido à sua vida, arquiteta um ponto de vista, uma representação sobre determinado momento relacionado à sua trajetória.

A memória é um processo de racionalização do passado, realizado pelo indivíduo de acordo com as características que o mesmo entende serem possíveis ou almejadas para si. O indivíduo, mesmo que influenciado coletivamente, tem na rememoração o poder de escolher como quer ser lembrado, ou o que ele quer se lembrar de sua trajetória, concretizando suas escolhas no depoimento oral.

E mesmo que estas lembranças indiquem a representação do indivíduo sobre determinado fato ou evento, elas estão carregadas de densidade histórica e demonstram as múltiplas visões do passado, um ponto de vista do indivíduo que demonstra muito de si e do grupo ao qual ele pertencia.

Além disso, com o reconhecimento de que o depoimento apresenta-se ucrônico, como medida de expor aquilo que o personagem gostaria que fosse lembrado ou que tivesse realmente ocorrido, é possível ao historiador perceber fatores importantes sobre a cultura, costumes, interesses e opiniões de determinados grupos sociais. Pois, “[...] até mesmo erros, invenções e mentiras constituem, à sua maneira, áreas onde se encontra a verdade” (PORTELLI, 1997, p.25).

Por essas questões que a fonte oral deve ser necessariamente historicizada, debatida com demais fontes de pesquisa, analisada pelo historiador e devidamente contextualizada para evitar que o depoimento seja considerado como verdade absoluta e, ainda, para que possamos reconhecer nas distorções os significados que se quer empregar.

Além disso, a História oral nos auxilia a compreender a possibilidade de múltiplas narrativas e que estas indicam que não há uma verdade única e que, em decorrência da sociedade ser composta por vários grupos sociais participantes concomitantemente de um mesmo período ou evento histórico, cada qual terá uma visão de mundo, uma experiência de vida que compõe o todo.

Diante destas questões, o pesquisador deve reconhecer que ao trabalhar com a História oral ele deverá dominar suas especificidades, compreendendo questões que vão desde a escolha do tema e dos entrevistados, até o momento da entrevista e os debates sobre memória.

Algumas especificidades do trabalho com História oral

Ao escolher trabalhar com a metodologia da História oral, devemos admitir que a pesquisa será construída em conjunto pelo pesquisador, aquele que possui em suas mãos o poder de direcionar o questionamento, de fazer da entrevista algo produtivo para seu objeto e para a historiografia, sendo coautor do trabalho e, por isso, sendo responsável por sua produtividade ou por seu fracasso; e pelo entrevistado, aquele que vai decidir o que deve falar, o que deve omitir e como se dará a reconstrução de si.

É evidente que o pesquisador possui decisão sobre o resultado do trabalho que se utiliza da História oral tanto quanto o próprio entrevistado. Isso porque, a própria escolha de quem será ouvido compete ao pesquisador, que irá mapear os sujeitos capazes de melhor responderem a seus questionamentos. Além disso, o objeto de análise é do pesquisador.

Assim, o trabalho histórico com o depoimento oral somente é possível mediante a vontade do pesquisador, o qual delimita seu tema e seus personagens, expondo muito de si em seu trabalho, compondo sua operação historiográfica determinada, como afirma e explica Certeau (1982, p. 65-119), pelo lugar social, pela prática científica e pela escrita. Não apenas as questões sociais do entrevistado influenciarão na pesquisa de História oral, mas também e, talvez primordialmente, as relações sociais do pesquisador, delimitador do tema e de seus personagens.

Por isso, devemos ser conscientes de que o trabalho com a História oral possui intersubjetividade, composta por quem testemunha e por quem converte o depoimento oral em escrita. A soma da subjetividade do entrevistado – o qual em seu depoimento descreve as práticas e as representações de si; e da subjetividade do pesquisador –, este que, por sua vez, na escrita do seu trabalho, também deixa traços de si, compõe o trabalho com a História oral, o que requer atenção teórica e metodológica especial, traços esses que também são observados nos trabalhos com as fontes escritas.

Nesta esteira, trabalhar com a História oral traz ao historiador a necessidade de reconhecer sua subjetividade e, diante disso, de se aprofundar em uma metodologia que demanda a interdisciplinaridade e a crítica constante das fontes. Neste trabalho, o historiador deve, antes de tudo, dominar as técnicas de um diálogo que visa compreender o outro.

E compreender o outro requer a sensibilidade de se colocar em seu lugar, de conhecer seus sentimentos, de averiguar quais os benefícios e malefícios que esse personagem pode sofrer ao descrever sua trajetória de vida. Neste caso, transportar-se para o lugar social de seu objeto de análise é ponto primordial para reconhecer seu ponto de vista, suas expressões e suas inquietações.

Nenhum personagem irá narrar sua história sem calcular o que esta narrativa poderá trazer de consequências para si, sejam elas negativas sejam positivas. Buscar o depoimento oral é saber que estamos adentrando em questões de natureza privada, as quais são ainda mais delicadas quando os personagens em questão estão vivos e dispostos a calcular o que seu depoimento pode causar em sociedade. E é neste ponto que observamos a subjetividade do entrevistado e sua importância para o trabalho com a História oral, posto que ele é quem vai determinar o que deve ou não falar e como deve tratar de determinados assuntos, o que também depende de sua avaliação, positiva ou negativa, sobre o entrevistador.

Nesse aspecto, as condições de produção do depoimento merecem destaque, pois conforme lembrado por Verena Alberti (2005, p. 155-202), uma entrevista de história oral não é produzida para ser mentira. As escolhas e as omissões devem ser avaliadas partindo-se do princípio de que o entrevistado sabe que deverá narrar a “verdade” sobre os fatos testemunhados e, ainda, que estes servirão para uma pesquisa sobre determinado tema que ele possui conhecimento ou teve vivência pessoal.

Por isso, o termo “documento monumento” utilizado por Le Goff (1984, p. 95-106) e abordado por Verena é possível no trabalho com a fonte oral, posto que intencionalidade é latente no testemunho, o qual é criado primeiramente pelo pesquisador que incita o entrevistado a falar sobre um tema específico, abordado para um fim ainda mais específico e delimitado. Depois, pelo entrevistado que criará uma narrativa racional e intencional sobre os aspectos que lhe forem interrogados, reorganizando racionalmente seu passado.

Sobre o tema, Beatriz Sarlo (2007) expõe seu posicionamento de que a memória é uma retórica, pois está voltada para o convencimento. É uma fonte de autorreferência que busca convencer o outro sobre determinado tema. E essa característica se acentua ainda mais em alguns personagens que, por sua própria função em sociedade ou atuação profissional são acostumados com o discurso do convencimento, requerendo do pesquisador atenção especial.

Nessa esteira, notamos que a metodologia de pesquisa com a fonte oral deve variar, como também seus resultados, de acordo com o personagem a ser entrevistado. É evidente que a entrevista com um membro da classe operária, por exemplo, trará um comportamento e um resultado diverso da entrevista com um representante da elite da advocacia. Cada visão de uma mesma realidade ou, como destacado por Bourdieu (1998, p. 693-713), cada

ponto de vista do outro deve ser compreendido pelo pesquisador que buscará ter em mente as características pessoais, profissionais, culturais e sociais de seu entrevistado.

Cada personagem, ao ser entrevistado, busca dar sentido à sua trajetória, construindo uma narrativa produzida para uma finalidade específica e que, por isso, apresenta uma coerência praticamente impossível, mas socialmente apresentada para aquele fim. Para Portelli (2001, p. 9-36), este discurso é apenas a ponta do iceberg, para a qual o historiador deve se voltar com seu papel dialógico e corretivo, buscando no confronto de fontes historicizar seu objeto e chegar à representação da história empregada por aquele personagem.

Outro aspecto relevante para o trabalho com a História oral se encontra no interesse do entrevistado em tornar visível suas opiniões e suas práticas, construindo seu ponto de vista por meio da oportunidade de se fazer ouvir, sendo denominado por Bourdieu (1998) como uma “autoanálise provocada e acompanhada”.

E mesmo que para o historiador não seja esse o objetivo de sua pesquisa, para o pesquisado sempre restará a certeza de que aquela é uma forma de se manter vivo, de expor aos outros um pouco da importância de si para a sociedade.

Nesse caso, e para minimizar esse que é apenas um dos desafios do trabalho com a História oral, devemos nos preocupar em informar ao entrevistado os objetos específicos da pesquisa, tentar fazê-lo compreender quais as hipóteses que estão sendo levantadas e em que espaço ele se insere dentro deste contexto.

E, mesmo assim, o pesquisador deve compreender a distância entre aquilo que ele objetiva em sua pesquisa e aquilo que o entrevistado percebe e interpreta. Ter a sensibilidade sobre esta distância e, ainda, entender e interpretar “[...] as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras” (BOURDIEU, 1998, p. 695), são requisitos imprescindíveis para a utilização da História oral e para que um trabalho seja reconhecido como História.

Outro fator a ser avaliado se refere à relação entre entrevistado e pesquisador. Para obter qualquer resultado produtivo na pesquisa devemos notar que esta relação deve ser bem medida e ajustada. O trabalho apenas será bem sucedido se o pesquisador evitar a posição de superioridade para com o entrevistado.

Na relação entre pesquisador e entrevistado temos como mestre do jogo o pesquisador que dita as regras e forma seu objeto de análise. Porém, como destacado por Bourdieu (1998, p. 695), a posição de superioridade, principalmente cultural, deve ser evitada objetivando reduzir a violência simbólica da relação de entrevista.

Ser rude ou demonstrar superioridade por gestos, perguntas e ações pode comprometer todo o resultado da pesquisa, posto que o entrevistado deve se sentir à vontade para falar, e não coagido ou induzido, já que “[...] a relação social entre pesquisado

e pesquisador produz um efeito de censura muito forte, redobrado pela presença do gravador; é sem dúvida ela que torna certas opiniões inconfessáveis (salvo por breves fugas ou lapsos).” (BOURDIEU, 1998, p. 701).

Quando o pesquisador invade a privacidade do entrevistado com questões que o obrigam a relembrar de momentos de sua vida, muitos deles que se deseja esquecer, é essencial que, no mínimo, seja criado um ambiente confortável para o entrevistado, de modo que o mesmo se sinta à vontade para falar ou deixar de falar. Por isso, o ambiente deve ser escolhido ou aprovado pelo próprio entrevistado. Além disso, locais relacionados ao período narrado ou à temática possibilitam a melhor memorização do passado, sendo ainda possível a utilização de fotos ou objetos que ajudem o entrevistado a se recordar do tema proposto.

É importante destacar que, neste diálogo, também deve ser evitada a relação de superioridade por parte do entrevistado. Este, dependendo de sua origem, posição social ou profissão, ou por outros tantos motivos, pode tentar impor-se durante a entrevista. Neste caso, o pesquisador deve tentar amenizar essa relação e buscar atingir uma posição de igualdade na entrevista, evitando a violência simbólica tanto de pesquisador para entrevistado quanto de entrevistado para pesquisador.

Sabemos que nem toda a entrevista pode ser considerada um trabalho de História oral. Para isso, devemos seguir métodos e especificidades do domínio da história, dentre os quais saber direcionar as perguntas em momentos certos.

Não basta questionar o entrevistado com um roteiro pronto. Estar atento às suas respostas e aos momentos corretos de iniciar novas questões é essencial. Uma simples falha ou falta de atenção do pesquisador pode comprometer o todo. Isso porque, no momento do diálogo – veja que consideramos diálogo porque não pretendemos realizar com os entrevistados um trabalho de reportagem ou, ainda, uma simples inquisição mais próxima dos depoimentos policiais – o pesquisador deve conseguir extrair do entrevistado as respostas necessárias à análise do objeto da maneira mais natural e menos forçada possível.

A escolha pela abordagem temática ou pela história de vida deve anteceder ao trabalho em campo. Podemos optar por uma entrevista temática, em que um determinado evento, função ou período será o eixo do trabalho, direcionando o entrevistado a abordar especificamente sobre o assunto escolhido. Entretanto, poderá ser abordada a entrevista por meio da história de vida. Neste caso, o eixo do tema é o próprio indivíduo na história e a importância de sua trajetória, sendo a opção plausível quando a vida do entrevistado for objeto, ou tiver relevância para a pesquisa. Além disso, a história de vida apresentará várias temáticas durante a entrevista. Para Verena Alberti, que explicita as duas abordagens de entrevista, também é possível a utilização de ambos os tipos em uma mesma pesquisa.

É possível que em determinado projeto de pesquisa sejam escolhidos ambos os tipos de entrevista como forma de trabalho. Nada impede que se façam algumas entrevistas mais longas, de história de vida, com pessoas consideradas em especial representativas ou cujo envolvimento com o tema seja avaliado como mais estratégico, ao lado de entrevistas temáticas com outros autores e/ou testemunhas. (ALBERTI, 2005, p. 176).

Escolhida a forma de abordagem da entrevista, o pesquisador deverá atentar para outras questões importantes para o trabalho com a História oral e, entre elas, conseguir, por meio do diálogo, extrair as respostas sem brutalidade, colocando-se no lugar do entrevistado, compreendendo seu pensamento, sua cultura, inserindo-se nas condições sociais das quais ele é produto, compreendendo o sujeito e sua inserção social para depois conseguir explicá-lo. O compreender é ato essencial para se sentir atraente aos olhos do entrevistado.

Dentro do conceito de compreender o outro encontramos a necessidade da proximidade do pesquisador com seu entrevistado. Aliás, alguns historiadores² concluem que quando há proximidade social ou familiar, o pesquisado tende a se sentir mais apto à comunicação, bem como quando o pesquisador busca transmitir uma situação de igualdade e compreensão do outro. Isso porque, se somos entrevistados por alguém que conhece ou compartilha de nosso meio social temos como pressuposto que as respostas influenciarão não apenas ao entrevistado, mas também ao pesquisador que compartilha desse meio. Como destacado por Bourdieu, sobre as questões elaboradas pelo pesquisador ao entrevistado, neste caso de proximidade:

[...] as mais brutalmente objetivantes dentre elas não têm nenhuma razão de parecerem ameaçadoras ou agressivas porque seu interlocutor sabe perfeitamente que eles compartilham o essencial do que elas o levarão a dizer e, ao mesmo tempo, os riscos aos quais ele se expõe ao declarar-se. (BOURDIEU, 1998, p. 698).

Há, porém, uma questão ética que surge neste ponto, relacionada com a proximidade entre pesquisador e entrevistado: a ideia de que a relação anterior ou derivada da entrevista irá impedir a contextualização ou o debate do depoimento oral.

Em primeiro lugar, devemos entender que falar sobre um determinado grupo não deve, necessariamente, ser optar por falar para bem ou para mal, mas falar em busca do ponto de vista desses indivíduos sobre determinado período e suas características sociais. Como pesquisadores, sabemos de nossos objetivos e de nossas obrigações, entre elas o distanciamento com o objeto de estudo para que o mesmo seja tão menos influenciado possível. Aliás, esse já é um primeiro ponto contraditório, pois, se escrevemos sobre

determinado objeto, escolhemos seus atores e determinamos suas questões, é evidente que um pouco de nós, ou muito de nós, será transmitido nessa pesquisa.

O historiador sabe que precisa se distanciar, que precisa compreender e que precisa fazer o contraponto com outras fontes, mesmo que isto seja aparentemente considerado desrespeito, pois a questão não é considerar o testemunho oral como falso ou verdadeiro, mas trazer à tona o caráter parcial da verdade. Aliás, segundo Philippe Joutard, esse é um dos pontos que diferencia o historiador do memorialista:

O memorialista se contenta em escutar, recolher fielmente, sem jamais intervir nem tomar a mínima distância, seu silêncio vale de aprovação para não dizer de adesão. O historiador não deixa de ouvir e recolher, mas sabe que deve se distanciar, que a simpatia necessária, virtude cardeal do bom entrevistador, não deve cegá-lo nem privá-lo da lucidez. O cruzamento das fontes, o necessário espírito crítico não são incompatíveis com o respeito devido à testemunha ou aos grupos. A história relativiza, na melhor opção do termo; ela desafia a idéia simplista de uma memória e tradição orais – puras, originais, sem nada a dever, que exprimem a alma do grupo. (JOUTARD, 2000, p. 43-44).

Tratamento crítico e distanciamento são necessários e isso demanda perceber que a História oral precisa ser contraposta com outras fontes para superar limitações que todas as fontes possuem e, ainda, para evidenciar suas potencialidades. Por isso, apesar do dilema da contestação da fonte oral esta, como qualquer outra, deve ser historicizada para que consigamos extrair os motivos de determinadas narrativas, bem como respostas a questões como: Por que este fato foi recordado desta maneira? Por que este evento deixou de ser lembrado?

Evidente que a fonte oral gera um vínculo entre pesquisador e entrevistado, em virtude do processo de coleta dessas entrevistas, o qual demanda uma aproximação entre os envolvidos para a garantia da pesquisa. Porém, o trabalho com História oral deve ser compreendido como produção de conhecimento histórico e científico, o qual demanda abordagem crítica e utilização de métodos para evitar a simples narração descritiva de um depoimento. Assim, respeitando a narrativa empregada pelo entrevistado, o historiador deve contextualizá-la e, para isso, deve dominar o tema proposto.

Além do domínio do tema, o historiador deve atentar para o fato de que as entrevistas são unidades qualitativas para o trabalho, o que leva à justificativa e à escolha dos personagens a serem entrevistados. E, no momento da entrevista, os padrões e os desvios de comportamentos devem ser avaliados para a compreensão do meio social do entrevistado, além do que “[...] quando certos acontecimentos são narrados sempre da mesma forma, isto pode indicar que estão cristalizados na memória do entrevistado e

cumprem um papel específico no trabalho de significação do passado” (ALBERTI, 2005, p. 179).

Verena Alberti ainda destaca, utilizando-se do conceito de Daniel Bertaux, que o ponto de saturação é o indicativo de que as entrevistas já realizadas alcançaram o objetivo almejado, ou seja, quando os padrões e as experiências começam a se repetir, demonstram não apenas um fator importante para conhecer o grupo, mas também, que possivelmente os demais entrevistados do mesmo grupo apresentarão discursos semelhantes, apesar de não serem idênticos.

Percebemos que o que se pretende com a História oral é a percepção de um discurso histórico, criado com uma finalidade específica e capaz de demonstrar a consciência do indivíduo sobre sua participação em determinado momento da história, podendo essa narrativa ser ucrônica, na medida em que o entrevistado racionalmente descreve sua vida como gostaria que ela fosse vista, escolhendo, organizando e delimitando o que comporá sua narrativa. Por isso a importância de dominar, por meio de outras fontes, o tema proposto para se capaz de decifrar as intenções da narrativa, além de seus significados.

E como resultado do trabalho de História oral, o historiador possibilita que o discurso de determinado indivíduo ou grupo chegue a outras comunidades e possa ser conhecido, além de levar os próprios entrevistados a organizarem seu pensamento sobre si e a refletirem sobre os eventos dos quais fizeram parte. Este é o trabalho de restituição, de entrega dos resultados da pesquisa aos responsáveis diretos por sua viabilidade, sendo que, conforme destacado por Portelli:

[...] aquilo que realmente restituímos é uma oportunidade para as pessoas com quem conversamos organizarem seus conhecimentos com maior clareza: um desafio para aumentarem sua consciência, para estruturarem aquilo que já sabemos – processo que começa com a entrevista e continua, à medida que se defrontam com nossas conclusões. (PORTELLI, 1997, p. 30).

Por fim, destacamos a necessidade do historiador em manter a fidelidade com aquilo que lhe foi transmitido por meio do testemunho oral, sendo necessário, no momento da transcrição, manter a correspondência com os depoimentos, mas sempre de maneira a permitir que os mesmos sejam legíveis para a compreensão da narrativa. Isto porque, cabe ao historiador, ao interpretar o depoimento oral e utilizar-se desta fonte, levá-la a produzir aquilo que é capaz, transparecendo o que o entrevistado quis expor de maneira legível.

E consideramos tal medida perfeitamente cabível, pois se a própria transcrição é um processo de intervenção (PORTELLI, 1997) e, ainda, se a entrevista como um todo deverá constar do arquivo digital disponibilizado para consulta, permite-se que sejam editados

determinados trechos para amenizar redundâncias ou tiques de linguagem, pois “[...] em nome do respeito devido ao autor que, paradoxalmente, foi preciso às vezes decidir por aliviar o texto de certos desdobramentos parasitas, de certas frases confusas, de redundâncias verbais ou de tiques de linguagem (os “bom” e os “né”). (BOURDIEU, 1998, p. 710).

Neste caso, o dever do pesquisador é expor com fidelidade o texto, mas de maneira legível, buscando respeitar o entrevistado, permitindo que o depoimento seja compreensível quando transcrito, mas que contenha apenas palavras proferidas por seu autor.

Percebemos que o trabalho com a História oral traz ao pesquisador grandes contribuições e resultados impossíveis de serem atingidos exclusivamente pelas fontes tradicionais. Revelar a estrutura e a complexidade singular de ações e reações dos entrevistados em meio ao todo, sabendo das dificuldades da pesquisa, mas aproveitando aquilo que parece incômodo para o benefício do estudo, é objetivo primordial do pesquisador voltado à História oral.

Longe de ser uma metodologia inaplicável ou um método questionável de estudo científico, a História oral é capaz de trazer à tona perspectivas interessantes sobre os múltiplos discursos da história, memória, trajetória, identidade, cultura, representações, entre outras. E, como qualquer outra fonte, demanda ser questionada, debatida e historicizada para atingir toda a sua potencialidade.

Para o historiador, o uso da História oral não representa a transcrição exata do discurso e sua conseqüente repetição no trabalho acadêmico, mas sim seu constante questionamento em busca das representações individuais e sociais sobre a história, ou as histórias vividas.

Nesta perspectiva, o pesquisador de História oral objetiva compreender o ponto de vista do outro, sobre si e sobre a sociedade. E, em meio a esta colcha de retalhos, construída com pedaços diferentes, mas socialmente interligados, conseguimos compor parte do todo, compreender as múltiplas visões de mundo que compõem a história, que fazem a história.

Recebido em 21/1/2013

Aprovado em 1/4/2013

NOTAS

¹ Neste texto, o autor destaca que as narrativas se apresentam como sonhos de uma vida que poderia ter ocorrido de maneira diversa, não se encontra na realidade, mas sim na possibilidade desejada, e a função do ucrônico seria a de sustentar a esperança.

² Considerando posicionamentos de Verena Alberti e Alessandro Portelli sobre a necessidade da aproximação entre entrevistado e pesquisador, criando um ambiente confortável e buscando conhecer o outro para melhor compreendê-lo, bem como de Bourdieu sobre a proximidade social entre pesquisador e entrevistado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Oraís*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo*. 2. ed. Trad. de Mateus Soares Azevedo, et al., Petrópolis: Vozes, 1998, p.693-713.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.183-191.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65-119.

FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2006.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo, et. al. *História oral e pesquisa sociológica: a experiência do CERU*. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento Monumento. In: LE GOFF, Jacques (coord). *Memória e História*. Enciclopédia Einaudi. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1984, p. 95-106.

JOUTARD, Philippe. "Desafios à história oral do século XXI". In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (orgs.). *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, Casa de Oswaldo Cruz e FGV/CPDOC, 2000, p.31-45.

JOUTARD, Philippe. História Oral: Balaço da Metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 43-62.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p.13-49, abr. 1997.

PORTELLI, Alessandro. História Oral como Gênero. *Projeto História*, São Paulo, n. 22, p. 9-36, jun., 2001.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*, São Paulo, n.10, p. 41-58, dez., 1993.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.